

Ex-ministro diz que Fraga garante o fim das 'saídas mágicas'

Vera Saavedra Durão e Rodrigo Mesquita
do Rio

A indicação de Armínio Fraga para o BC encerrou uma fase de instabilidade e de insegurança na condução das políticas monetária e cambial. O ex-ministro Marcílio Marques Moreira festejou principalmente o fato de que com Fraga está assegurado o fim das "saídas mágicas" da crise, como as ameaças de controle do câmbio, da entrada e saída de capitais, de reestruturação da dívida interna e moratória externa.

Marcílio avalia que a indicação de Fraga para presidência do BC tenha sido obra do próprio presidente Fernando Henrique. O ex-ministro contou que no livro "O mundo em português", escrito por FHC e Mário Soares, o presidente conta que quando foi pela primeira vez a ONU, como ministro das Relações Exteriores do governo Itamar, convidou Fraga para visitá-lo no hotel, em Nova York.

Segundo fontes próximas a Fraga, o primeiro convite do presidente teria sido feito ainda em dezembro para substituir o então presidente do BC, Gustavo Franco. Diante da recusa inicial, não teria sobrado opção além do nome de Lopes, que vinha sendo articulado já há algum tempo pelo grupo organizado em torno do ex-ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros e de seu irmão José Roberto, com quem Lopes compartilhava críticas à política defendida por Franco e apoiada por Malan.

Segundo essa versão, a indicação de Lopes teria sido uma derrota temporária de Malan que terminou revertida, na semana passada, diante dos seguidos desencontros de Lopes à frente do BC. Essas vacilações começaram no mesmo dia do anúncio da substituição de Gustavo Franco. O modelo de banda larga do câmbio não resistiu a 24 horas de ataque do mercado. As indecisões culminaram com o pânico da última sexta-feira quando o mercado, mais uma vez, levou o BC ao "corner". Em meio à sucessão de desacertos Malan teria,

segundo essas fontes, negociado com Cardoso a saída de Lopes.

Marcílio e Armínio Fraga serviram na mesma época — entre 91/92 — ao governo Collor. Na ocasião, Fraga era diretor da área internacional do BC e Marcílio, ministro da Fazenda. A política dominante era rigidez monetária com altas taxas de juros e o câmbio seguindo a inflação.

Para a maioria dos economistas consultados, o fato de Fraga ter sido empregado do megaspeculador George Soros não contamina sua imagem de economista de grande competência em lidar com os mercados.

"Se for assim, o presidente do BC terá de ser um sapateiro para não ter vínculos com o mercado", comentou Marcílio Marques Moreira. "A troca de Chico Lopes por Fraga foi positiva" disse Antonio Porto Gonçalves, diretor do Instituto Brasileiro de Economista (Ibre) da FGV, para quem um dos méritos de Fraga é que "não é acadêmico". Eufórico, o diretor do Ibre garantiu: "não vou mais tirar meu dinheiro do banco, pois Fraga não fará nenhuma moratória".



Marcílio Marques Moreira